VICENTE SANCHES

SESSENTA E TRÊS AFORISMOS

peça em IV actos
ou:
peça em IV peças

I — 35 Aforismos

II — 4 Aforismos
ou: Paul Claudel e a Mística da Kabbala

III — 17 Aforismos

IV — 7 Aforismos

2009

VICENTE SANCHES

SESSENTA E TRÊS AFORISMOS

peça em IV actos
ou:
peça em IV peças

I — 35 Aforismos

II — 4 Aforismos
ou: Paul Claudel e a Mística da Kabbala

III — 17 Aforismos

IV — 7 Aforismos

2009

35 Aforismos

35 Aforismos

1

Qual o livro: — próprio para ser lido por um condenado à morte, durante a noite, durante a vigília anterior à execução?

Qual? Qual o livro?

*

Começa, que tinha de ser um breve livro, para ser lido e meditado, convenientemente, no breve tempo disponível dessa última noite.

*

No caso de ser um livro de Aforismos, qual o

número de Aforismos que devia conter? Cinquenta? Quarenta? Trinta? Vinte? Dez? Cinco? Parecem-me cinco muitíssimos. Quatro? Parecem-me quatro muitos. Três? Ainda é demais. Dois? Demais ainda…

Um?

Sim: um; — só.

Deveria, deveria bastar apenas um!

Mas um, — qual? Qual, meu Deus? Qual?

2

Quando te vires pregado à cruz; à cruz da tua agonia na hora da tua morte, reza, reza humildemente com palavras inspiradas — nas palavras de S. Dimas:

— É de justiça o que estou sofrendo, deitado no meu leito de martírio, numa câmara…numa cama de tortura, no cúmulo da minha agonia: na hora da minha morte. É de justiça. Todo o horror que já sofri, e todo o horror que sofro agora, — é de justiça.

Mas este, este que está aqui, — ao meu lado — junto a mim — ao pé de mim — aqui comigo, — representado na cruz do rosário, que aperto na

minha mão, — este não fez nada de mal. «Este não fez nada de mal.»

E nem digas mais nada.

Cala, silencia, — exprime apenas com silêncio — o teu santodímico pedido.

Pois Ele entende-o, talvez, ainda melhor, — sob o teu expressivo silêncio.

E talvez te responda, quem sabe? , — como... no pleno tempo... na plenitude do tempo... respondeu ao outro.

3

Tenho sede. De que será que Cristo, no alto da Cruz, diz que tem sede? De água? De vinagre? Das nossas almas? Dos nossos pecados? Do vinagre dos nossos pecados? Será dela, dessa bebida dos nossos pecados, que Ele ainda tem sede?

*

Tenho sede. Será da alma de Gestas, que Cristo diz que tem sede? A alma de Dimas, já Ele acabou de salvar. Caso arrumado. Problema resolvido. Mas a alma de Gestas? Falta a alma de Gestas!

4 Aforismos
ou:
Paul Claudel
e a Mística da Kabbala

4 Aforismos
ou:
Paul Claudel
e a Mística da Kabbala

1

Na página 133 (da obra: *Chemins de la cabale*, de Charles Mopsik, 2004, éditions de l'éclat) surge-me esta afirmação: *la couleur bleue, qui entre peu ou prou dans la composition de toutes les couleurs. Elle est apparentée au noir*, [...]

E de súbito, no meu espírito, na minha memória, surge-me Rimbaud, aparece-me Rimbaud, com a sua semelhante afirmação: [...] *l'azur, qui est du noir*, [...]

*

Interrogo-me: onde é que Rimbaud terá ido *saber* — a relação entre azul e negro? O parentesco — entre azul e negro?

*

Aliás: onde é que Rimbaud terá ido *saber*, não só essa, — mas tantíssimas coisas tão difíceis de serem sabidas?; e tantas delas tão impossíveis, até, de serem sabidas — por uma *criança* de quinze ou dezoito anos, a idade adolescente que ele tinha quando se mostrou senhor, absoluto senhor, daquela quantidade e qualidade impressionante de Conhecimentos, Magia, Arte?

*

Nem que a gente não queira, e nem que a gente não creia (mas eu por mim, confesso: às vezes creio), ocorre-nos fortemente ao espírito a explicação que dá Claudel do fenómeno fenomenal Rimbaud.

Claudel considera que o caso Rimbaud, (no fundo), — pouquíssimo!: *zeríssimo* tem a ver com literatura. Mas sim tem, (no fundo), que ver

17 Aforismos

UNIVERSIDADE DE LISBOA
BIBLIOTECA
FACULDADE DE LETRAS

17 Aforismos

1

1.1.

— Dos três tempos do tempo, — o Passado, o Presente, o Futuro, — qual o mais importante?

— O Presente.

— Porquê?

— Porque é o mais aforístico.

— O mais aforístico?

— Desculpa, distraí-me…Eu queria dizer — o mais divino.

— E porquê, o mais divino?

— Porque é o mais semelhante a Deus: o mais próximo — da natureza de Deus. É o tempo…do próprio Deus.

— O *Tempo* de Deus, chama-se Eternidade!

— Pois chama. Mas a Eternidade, justamente, — é um eterno Presente.

— Faz a sua diferença…

— Faz. Mas também faz — a Sua semelhança! Ora repara. Repara e experimenta (no teu espírito) referir-te à existência de Deus como eterno Passado. Não podes! Esse Deus — não seria nada; quanto mais Deus. Como eterno Futuro. Não podes! Esse Deus — não seria nada; quanto mais Deus. Como eterno Presente. Podes! Esse Deus — é Deus.

7 Aforismos

7 Aforismos

1

Interlocutor. — Então não foi Fernando Pessoa — o super-Camões?

Miguel Afonso. — Não, não foi Fernando Pessoa o super-Camões. O dramaturgo Vicente Sanches é que foi — e de muito — e de muitíssimo — super Gil-Vicente.

2

Miguel Afonso. — [...] [...] [...] [...]

Jornalista. — E porque é que você acha que

salta à vista, com evidência e super-evidência — que o dramaturgo Vicente Sanches é muitíssimo superior ao dramaturgo Gil Vicente?

MIGUEL AFONSO. — Desde logo, porque é evidente e super-evidente que *A Birra do Morto* — por exemplo — é muitíssimo superior à *Farsa de Inês Pereira*, a melhor das peças de Gil Vicente. Aliás do grande; do extraordinário; do genial dramaturgo Gil Vicente.

JORNALISTA. — E o Miguel Afonso considera *A Birra do Morto* — a peça melhor de Vicente Sanches?

MIGUEL AFONSO. — *A Farsa de Inês Pereira* — é a peça melhor de Gil Vicente. Mas *A Birra do Morto* — não é a peça melhor de Vicente Sanches. Muitas peças de Vicente Sanches são melhores (e sob certos aspectos, muitíssimo melhores) — do que *A Birra do Morto*. Só que são mais difíceis (de perceber; e até de sentir; e de representar); e por isso menos populares, ou popularizáveis. *A Birra do Morto* será, pois, talvez, a melhor das peças de Vicente Sanches, mas: — popularmente falando; — exotericamente falando. (Com x, camarada tipógrafo! *Exotericamente* com *x*).